

## **O crime de terrorismo: uma hipótese psicanalítica**

**The crime of terrorism: a psychoanalytic hypothesis**

*Autor: André Luís Woloszyn*

*DOI: <https://doi.org/10.25058/1794600X.2458>*

**O crime de terrorismo: uma hipótese psicanalítica\*** ■

**The crime of terrorism: a psychoanalytic hypothesis** ■

**El crimen del terrorismo: una hipótesis psicoanalítica** ■

**André Luís Woloszyn<sup>a</sup>**  
alwi.war@gmail.com

Fecha de recepción: 5 de julio de 2024  
Fecha de revisión: 2 de agosto de 2024  
Fecha de aceptación: 6 de agosto de 2024

**DOI: <https://doi.org/10.25058/1794600X.2458>**

**Para citar este artículo:**

Woloszyn, A. L. (2024). O crime de terrorismo: uma hipótese psicanalítica. *Revista Misión Jurídica*, 17 (27), 65-79.

## **RESUMO:**

O presente artigo se propõe a desenvolver uma análise do comportamento apresentado por integrantes de redes terroristas internacionais, em especial, as de cunho extremista islâmico, sob a ótica da doutrina psicanalítica. Partindo do que se conhece da psique dos radicais islâmicos defende a hipótese de uma infância traumática somada a manipulação, a ideologização religiosa extremista e a falta de filtros, fatores que acarretam desequilíbrio das instâncias psíquicas, dando ênfase aos instintos primitivos de agressividade e violência. A abordagem do tema é desafiadora e se torna relevante face aos atentados, praticados por tais redes apresentarem elevado número de vítimas e flagrante falta de empatia para com o sofrimento alheio, beirando a perversões como o sadismo.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Terrorismo; Violência; Fases de desenvolvimento da libido; Instâncias psíquicas; Psicanálise.

## **ABSTRACT**

This article proposes to develop an analysis of the behavior displayed by members of international terrorist networks, in particular those of an Islamic extremist nature, from the perspective of

---

\* *Artículo de reflexión.*

<sup>a</sup> *Psicanalista (IBPC), Mestre em Direito com área de concentração em Direitos Humanos (UniRitter) e em Ciências Penais (UFRGS), ex-analista da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, diplomado em Inteligência Estratégica pela Escola Superior de Guerra (ESG/RJ) com tese em perfis do terrorismo internacional.*

psychoanalytic doctrine. Based on what is known about the psyche of Islamic radicals, he defends the hypothesis of a traumatic childhood added to manipulation, extremist religious ideologization and the lack of filters, factors that lead to an imbalance of psychic instances, emphasizing primitive instincts of aggression and violence. The approach to the theme is challenging and becomes relevant in view of the attacks carried out by such networks, which have a high number of victims and a flagrant lack of empathy for the suffering of others, bordering on perversions such as sadism.

#### KEYWORDS:

Terrorism; Violence; Libido development phases; Psychic instances; Psychoanalysis.

#### RESUMEN

Este artículo se propone desarrollar un análisis del comportamiento desplegado por miembros de redes terroristas internacionales, en particular las de carácter extremista islámico, desde la perspectiva de la doctrina psicoanalítica. Con base en lo conocido sobre el psiquismo de los radicales islámicos, defiende la hipótesis de una infancia traumática sumada a la manipulación, la ideologización religiosa extremista y la falta de filtros, factores que conducen a un desequilibrio de las instancias psíquicas, enfatizando instintos primitivos de agresión y violencia. El abordaje del tema es desafiante y cobra relevancia frente a los ataques que realizan este tipo de redes, que tienen un alto número de víctimas y una flagrante falta de empatía por el sufrimiento ajeno, rayando en perversiones como el sadismo.

#### PALABRAS CLAVE

Terrorismo; Violencia; Fases del desarrollo de la libido; Instancias psíquicas; Psicoanálisis.

#### INTRODUÇÃO

A violência dos grupos terroristas internacionais e de lobos solitários autóctones do terrorismo doméstico ultrapassou as barreiras legais e embora o histórico da aplicação de sanções severas aos perpetradores de atentados, dados aponta que o fenômeno cresce exponencialmente como demonstram os constantes conflitos no Oriente Médio e em zonas da África Subsaariana. Resta a ciência jurídica, em especial, por meio

da psicologia jurídica, maior diálogo com a ciência de saúde mental no sentido de uma maior compreensão da gênese deste fenômeno e do que motiva uma pessoa a abraçar a causa terrorista.

Os impactos de ações terroristas são traumatizantes para muitas pessoas e o volume crescente destas ações a partir dos atentados as torres gêmeas do *World Trade Center* em setembro de 2001, justificam uma atenção especial da comunidade internacional e dos profissionais de saúde mental. Dados divulgados pela *Fundation Pour L'innovation politique* (2022) apontaram que entre os anos de 1979 e 2019, ocorreram cerca de 48.035 atentados terroristas no mundo resultando em aproximadamente 210 mil vítimas fatais com média de 4,4 mortos por atentado.

As características de natureza indiscriminada, imprevisibilidade e caráter de anomia dos atentados somados ao sensacionalismo a que são tratados pelas mídias acarretam insegurança permanente na população e no desenvolvimento de diversos transtornos emocionais como ansiedade, estresse pós-traumáticos (TEPT), pânico, fobia social, depressão, dentre outros.

Sintomas, especialmente, de ansiedade e pânico foram identificados em parcela da população dos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001. Da mesma forma, posteriormente, com a explosão do metrô em Londres e Madri (2005), com os ataques a Revista *Charlie Hebdo* e ao Bar *Bataclan*, em Paris (2015) somados a série de esfaqueamentos e atropelamentos em massa em Londres, Nice, Marselha e Barcelona (2017). Neles, ao contrário do que se acreditava, de que os impactos emocionais nestas populações fossem transitórios, evoluíram para traumas, muitos destes, de natureza permanente.

Como hipótese, partimos do pressuposto de que a causa que determina certos indivíduos a se radicalizarem e a partir de então, promoverem atos de extrema violência, incluindo seu próprio martírio, reside na manifestação de traumas psíquicos desenvolvidos na infância, ao longo das três primeiras fases de desenvolvimento infantil, segundo a lição freudiana, e que a partir de então acompanharam tais indivíduos ao longo da vida adulta. Sem um tratamento adequado e manipulado por lideranças religiosas carismáticas este radicalismo se acentuou resultando em altos níveis de agressividade e violência.

Neste sentido, a psicanálise nos oferece alguns insights. Segundo Varvin (2008), "atos de terror e

violência envolvem uma relação perturbada com outros seres humanos em níveis moral, ético e emocional fomentada por discursos variados” (VARVIN, 2008, p.48).

Da mesma forma, pensamento disfuncional provenientes de uma mente coletiva grupal, como os que se observa nos grupos e redes terroristas internacionais voltados à destruição do outro podem, segundo Awad, “ser descrita como esquizoparanóide uma vez que não conseguem tolerar questionamentos francos, dúvidas, diferenças e responsabilidades” (AWAD, 2008, p. 161).

Como objetivos, buscaremos demonstrar que determinados comportamentos e atitudes praticadas por uma parcela da amostra escolhida, em especial, presente nos terroristas de menor hierarquia, caso dos soldados dos Talibãs no Afeganistão, do ISIS ou Estado Islâmico no Iraque e parte da Síria e dos chamados lobos solitários, trazem consigo, comparativamente, traços característicos de patologias estudadas na psicanálise, embora o reconhecimento de que as pesquisas neste campo sejam raras e careçam de maior apoio científico.

Para cumprir tal desiderato, recorreremos a uma revisão bibliográfica existente acerca do tema. No primeiro item, apresentamos algumas características doutrinárias do terrorismo, os principais atentados e a relação desta forma de violência com a psicanálise. No item dois, discorreremos acerca do que conhecemos da psique de integrantes de redes terroristas extremistas islâmicos baseados nas características dos atentados e no poder de manipulação das crenças religiosas que, conforme o objetivo possui potencial para catalisar os impulsos primitivos do Id manifestados na agressividade e na violência.

No item três, apresentamos comentários básicos acerca do trauma. No item quatro, focamos a atenção na hipótese de possíveis traumas emocionais na infância relacionados ao abandono, a falta de afeto e ao ambiente comunitário ou tribal de constantes hostilidades. Logo a seguir, no item cinco, dedicamos a abordar o tema das instâncias psíquicas, seguindo o modelo estrutural de Sigmund Freud, sugerindo que possam estar desconectadas pelos traumas e pelo condicionamento psicológico a que foram submetidos por longos períodos.

No item seis, falaremos da possibilidade de tratamento farmacológico e psicoterapêutico e das

dificuldades surgidas para tal intento trazidas pela manipulação da crença, do grau de ideologização e pelo fato de ambas serem consideradas práticas demoníacas pelas lideranças, portanto, uma ofensa aos princípios do islamismo radical. O item sete é destinado às considerações finais e finalmente, as referências bibliográficas.

## O QUE CONHECEMOS DA PSIQUE DOS TERRORISTAS

As constantes ações terroristas de cunho extremista islâmico, ocorridas nas duas últimas décadas levantam importantes questões acerca do estado emocional e da psique dos indivíduos que cometem um nível tão extremado de violência e sua aparente falta de empatia em relação ao outro, visto apenas como objetos pelos quais transferem suas pulsões.

A psicanálise, enquanto estudo da mente humana pode conter algumas respostas a este complexo quadro e daí repousa o grande mérito de Sigmund Freud, segundo adverte Uchoa:

(...) ter possibilitado, com método de investigação psicanalítica, a compreensão profunda do que se passa no psiquismo mórbido, nele ter descoberto sentido, apreendê-lo cada vez mais como expressão de conflitos intrapsíquicos em conexão com as instâncias mais estruturadas da personalidade (UCHOA, 1968, p.7)

Nosso ponto de partida são os raros estudos baseados na observação do comportamento e entrevistas gravadas com prisioneiros de Guantánamo somadas a raríssimas biografias de ex-integrantes destes grupos. Neste mister, Horgan (2006) adverte que “os investigadores recebem informações insuficientes das fontes oficiais, não há estudos de campo de fácil acesso assim como não existem procedimentos convencionais para a realização de entrevistas com terroristas” (HORGAN, 2006, p.74) o que resulta em variadas hipóteses, algumas delas, ainda carentes de comprovação sob o viés científico.

Raine (1997), Luckabaugh (1990), dentre outros, asseveram que a motivação psicológica para abraçar o terrorismo recai no sentimento de injustiça, na necessidade de pertencimento e na consolidação da própria identidade, neste caso, incompleta (RAINE, 1997, p.292-296).

Sob a visão clínica, muitos terroristas que lá se encontram apresentam características patológicas. Segundo Horgan, um dos poucos a se aventurar nesta linha de investigação, estas se manifestam como “personalidade antissocial, narcisista e paranoica, com raras exceções”. (HORGAN, 2006, p.111).

Tal constatação pode explicar, em parte, a dificuldade no controle das emoções como os impulsos de agressividade, a falta de empatia em relação a outros seres humanos, o afastamento da realidade externa e a criação de uma realidade paralela fictícia. Fantasias de redentores da humanidade, na crença de serem guerreiros de Deus, lutando uma Guerra Santa apocalíptica entre o bem e o mal, são percepções presentes nestes indivíduos, uma característica de indivíduos narcísicos.

Com efeito, para Clayton, utilizando-se dos conceitos formulados por kohut, a premissa é de que o comportamento terrorista está enraizado em um “defeito de personalidade que produziu um senso danificado de si mesmo. A essência do narcisismo patológico é uma supervalorização de si mesmo e uma desvalorização dos outros” (CRAYTON, 1983, p.19)

Outros pesquisadores do tema como Hagan ratificam este argumento afirmando que o terrorismo é tipicamente um ato infantil e narcisista de violência decorrente de sentimentos profundos de impotência, frustração e insignificância onde afloram as pulsões de morte. (HAGAN, 2008)

Awad, por seu turno, classifica este sentimento como “ansiedades persecutórias legítimas, que dividem o mundo em nós versus eles. Toda bondade reside em nós, e toda maldade é projetada neles, naqueles, os outros” (AWAD, 2008, p.161). Com efeito, há perda do controle voluntário dos pensamentos, emoções e impulsos.

A este respeito, Souza Filho contribui asseverando que:

O comportamento psicótico apresenta dificuldades de traçar diferenciação entre a realidade e a experiência subjetiva e a capacidade de relacionamento emocional e social do indivíduo são afetadas,

ocorrendo uma marcante desorganização da personalidade. (SOUZA FILHO, 2017)

Asad, por seu turno, sugere que “a razão deste comportamento pode estar nas privações e humilhações sistemáticas que experimentaram ao longo da vida, especialmente na infância, que resultaram em uma profunda infelicidade pessoal” (ASAD, 2008, p.59).

Neste mister, a manipulação dos fundamentos religiosos, em grande medida, adquire papel relevante na conjuntura analisada, funcionando como efeito placebo para as emoções traumáticas ao mesmo tempo que catalizador de maior agressividade quando se discute, por exemplo, a Jihad ou guerra santa contra os inimigos do Islã, muitos destes, apontados por não se encaixarem em suas ideias de mundo.<sup>1</sup>

O conceito extremista, fruto da compreensão distorcida dos preceitos religiosos está no epicentro da violência desumanizadora e é, em grande medida, a motivação principal para os atentados terroristas e outras brutalidades. Como assinala Bohleber, “na religião, a crueldade e a matança, às vezes, estão intimamente inter-relacionadas” (BOHLEBER, 2008, p.104).

Nestes casos, inversamente aos efeitos benéficos da crença e da fé em condições normais, quando há desequilíbrio das instâncias psíquicas, a manipulação direcionada a existência de inimigos que se deseja destruir acaba fomentando fantasias como a de que se está praticando determinadas ações salvadoras em nome de um ente supremo. Mesmo sob o paradoxo da vingança e da violência ou, ainda, comportamentos narcisistas ao se considerarem escolhidos como Soldados de Deus, lutando a plena força na promessa de que serão curados de todos os males que lhes afligiram no passado e perdoados por todos os atos pecaminosos que cometeram ou ainda deverão cometer na prática de atentados.

Um segundo ponto de reflexão também associado a crença religiosa recai na questão dos atentados suicidas, perpetuados pelos

1. A doutrinação extremista teve início com a invasão do Afeganistão pelos soviéticos em 1970. A estratégia dos EUA, apoiados pela Arábia Saudita foi de patrocinarem de escolas de doutrinação religiosa conhecidas como Madraças onde também havia treinamento militar com objetivo na Jihad.

denominados “homens bomba” atitude manifestamente contrária ao instinto natural de conservação e preservação da espécie aproximando-se do conceito de pulsão de morte.

Interessante destacar, que tal conduta, vai de encontro a doutrina psicanalítica acerca da angústia de aniquilamento ou pulsão de morte. Contrariamente ao que até agora foi estudado, a pulsão de morte em terroristas suicidas vem acompanhada por um forte sentimento de doação, entrega e sacrifício, o que converte o suicídio em martírio e, conseqüentemente, em um ato sagrado, circunstância também evidenciada nos aviadores Kamikazes japoneses nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial.

Os Kamikazes entregavam suas vidas ao Imperador, considerado um Deus, ao passo que os homens bomba atuais, entregam suas vidas a Alá, na fantasia da glória suprema e da continuação de uma vida abençoada no plano espiritual. Em ambos os casos, o ato de tirar a própria vida é revestido de sacrifício extremo e devoção.

Neste sentido, é possível afirmar que o desejo de martírio sobrevém de uma realidade paralela esculpida na promessa da continuação da vida no paraíso, onde a face de Deus será conhecida e estarão cercados por todos os tipos de prazeres que lhes foram negados por terceiros na vida terrena. Neste caso, em especial, pela sociedade ocidental ou qualquer outro inimigo apontado pelas lideranças religiosas como responsáveis pelo *status quo* que se encontram, de pobreza, miséria e sem perspectivas de futuro.

Podemos evidenciar nesta fantasia, a presença do mecanismo de negação contra o fato biológico da morte, elevada a uma espécie de triunfo e superação.

## O TRAUMA EM LINHAS GERAIS

Para uma melhor contextualização desta discussão é necessário relembrar o conceito de trauma, elemento possuidor de um lugar de destaque na psicanálise. E para tal desiderato, recorreremos a Freud que possui um repertório amplo de estudos envolvendo o tema e sua relação com os transtornos emocionais, inicialmente a histeria e logo em seguida a neurose.

Ao observar casos clínicos de histeria, ele introduz a noção de trauma psíquico como proveniente de “toda a impressão que o sistema nervoso tem dificuldade em abolir por meio do pensamento associativo ou da reação motora” (FREUD, 1940-1941 [1892], p.222)

Quando se volta para os estudos das neuroses traumáticas Freud a define como “qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos tais como susto, angústia, vergonha ou dor física, potencialmente capazes de desencadear manifestações patológicas” (FREUD (1893b).

Portanto, basicamente o trauma se desenvolve quando há a ausência de ab-reação em um afeto real impactante que permaneceu reprimido, ou seja, não houve uma descarga emocional que permitisse a liberação das lembranças de um evento específico que obteve impactos no psiquismo, impedindo que se transformasse em patologia. Pode também ser resultado da adição de outros eventos únicos ou sistemáticos como pretendemos argumentar.

As pesquisas conduzidas por Akhtar apontam que há evidências de que a maioria dos principais atores de uma organização terrorista “são indivíduos profundamente traumatizados que, quando crianças, sofreram problemas físicos crônicos, abusos e profunda humilhação emocional” (AKHTAR, 1999).

De todo modo é claro para a psicanálise alguns pontos como a noção de que por meio do trauma se pode chegar a compreensão do sofrimento psíquico, que seu desenvolvimento depende da susceptibilidade do indivíduo na vida adulta e que podem ocorrer em qualquer momento da vida, tanto na infância, como a hipótese defendida nesta pesquisa, ou em diferentes fases, caso das vítimas sobreviventes ou daqueles que testemunharam ações violentas do terrorismo. Dependendo de sua intensidade e sem que haja uma intervenção terapêutica pode acarretar em desequilíbrio das instâncias psíquicas.

## A HIPÓTESE DE UMA INFÂNCIA TRAUMÁTICA

É doutrina entre os profissionais da saúde mental que uma infância tranquila e segura possibilita o desenvolvimento de adultos mentalmente sadios. Todavia, também é consenso

que isso só é possível sob a proteção do escudo da parentalidade ou de figuras e ou objetos de apego face as sensações de medo, perigo e abandono que vivenciamos na infância, tidos como um processo natural de amadurecimento.

Com efeito, Elzirik e colaboradores advertem que fatores ligados ao desenvolvimento e experiências ao longo da vida determina o que tem sido descrito como equação etiológica das disfunções psíquicas. (ELZIRIK, et al, 2013, p.19)

Evidências substanciais apontadas nos Programs for Parents of Infants and Toddlers, estudadas por Olds, Sandler e Kitzman, citados por Polanczyk e Rohde, demonstram que:

A relação entre características do cuidado parental inicial e desfechos intelectuais, comportamentais e emocionais nas crianças e prejuízos no controle cognitivo estão relacionados a diversos sintomas comportamentais como a impulsividade, a agressividade, desinibição e o crime (POLANCZYK e ROHDE, 2013, p.58)

Um destes sintomas, quando este escudo protetivo é rompido, quer por fatores como abandono, negligência, abusos físicos e sexuais ou pela morte prematura dos pais somado a um ambiente de crises sistemáticas, permeado pela violência, pobreza e em meio ao medo constante, se manifesta pela perda do controle dos impulsos e, nestas circunstâncias, a criança adquire defesas adultas como alternativa de sobrevivência.

Esta relação com traumas da infância não acontece apenas com radicais islâmicos, aparece como um padrão emocional de perpetradores em alguns atentados. É o caso de Timothy McVeigh, terrorista norte-americano arquiteto do atentado em Oklahoma City, no ano de 1995 que resultou em 168 mortes e 680 feridos. Em entrevista à BBC News, o psiquiatra Dr. John Smith que o entrevistou na prisão, relatou que ele foi alvo de bullying na escola, e passou a se refugiar em um mundo de fantasia, onde imaginava retaliar contra os valentões que o haviam intimidado. Segundo o médico, *"This hatred of bullies stemmed from an unhappy childhood. McVeigh's parents often argued violently which frightened the boy. In addition he was bullied at school"*<sup>2</sup> (BBC News, 2001) Já com

2. *Esse ódio aos valentões surgiu de uma infância infeliz. Os pais*

sua sentença de morte decretada ele afirmou sua crença de que o governo dos Estados Unidos era o valentão final e alvo de sua vingança.

Outro caso semelhante foi o de Ted Kaczynski, conhecido como Una-bomber. O psiquiatra forense Dr. Park Dietz que o entrevistou na prisão relatou que como estudante de pós-graduação, ele procurou tratamento para sintomas de depressão, ansiedade e confusão de identidade sexual e sempre foi descrito como distante, mesmo quando criança, sentiu-se abusado emocionalmente por seus pais e cruelmente provocado por seus colegas por ser introvertido e portador de um QI superior e que nunca desenvolveu habilidades necessárias para viver no mundo.

O problema recrusdesce, na visão de Roland, quando estas crianças e adolescentes "ao permanecerem onde se sentem vulneráveis e inseguras, seus mecanismos de autodefesa irão estabelecer e manter uma atitude agressiva ainda mais arraigada". (ROLAND, 2014,p.163)

Nesta mesma linha, Winnicott já havia traçado uma relação simbiótica entre atos delinquências violentos e privações precoces na infância envolvendo questões edípicas e narcísicas.

Erikson ratifica este argumento quando assevera que "a postura vigente mantida pelos psicanalistas está claramente expressa na formulação de que maus tratos, delinquência e desrespeito aos outros ficaram repressados nas relações objetais defeituosas ou traumatogênicas" (ERIKSON, 2008, p.140).

Golomb, por seu turno, aprofunda os argumentos anteriores asseverando que:

(...) há uma sequência natural de desenvolvimento que, se perturbada, irá interromper, danificar ou mesmo atrasar seu desenvolvimento adequado. O terror, seja em sua forma literal ou por outros motivos, agride o desenvolvimento em cada estágio e a cada dia que uma criança cresce neste clima, mais estágios e funções são alterados (GOLOMB, 2008, p.188)

*de Mc Veigt frequentemente discutiam violentamente na sua presença, o que assustava o menino. Além disso, ele foi intimidado constantemente por seus colegas na escola. (Tradução nossa).*

Sendo assim, é possível afirmar que tais indivíduos possam ser portadores de transtornos emocionais motivados pela exposição a experiências traumáticas ao longo das fases de desenvolvimento infantil.

Neste contexto, o período de latência se torna o clímax uma vez é a fase em que se inicia a educação e a construção das relações sociais e ao mesmo tempo o momento em que hábeis manipuladores dão início a doutrinação religiosa extremista, direcionando suas revoltas e insatisfações para terceiros, que se tornam alvos pelo mecanismo da projeção.

Tendo suas necessidades básicas ignoradas e não se sentindo amadas o suficiente, o único meio encontrado para recuperar este amor e adquirirem valorização social e admiração perante o grupo é o de chamar a atenção para si por meio da obediência as regras pré-determinadas pela comunidade religiosa e pelo potencial de violência que apresentam, tido como um comportamento de valor social positivo, uma recompensa pelo comportamento violento cujo gatilho é não ser amado e não receber atenção.

A este respeito, Crayton argumenta que pessoas narcisicamente vulneráveis são atraídas por líderes carismáticos e que alguns grupos são mantidos juntos por um sentimento grandioso compartilhado de si mesmo na premissa de que “se eu não posso ser perfeito, pelo menos estou em um relacionamento com algo perfeito” (CRAYTON, 1983, p.19).

A exemplo de outros pesquisadores, ele sugeriu que a raiva narcísica é o que provoca uma resposta agressiva à injustiça percebida. Ao conferirem status e aumentarem a credibilidade de seus perpetuadores perante o grupo e a comunidade, criam a recompensa por meio da atenção, respeito e admiração que provocam. Recorrendo ao magistério de Roland, “ao encontrar satisfação, intensificarão seus esforços para refinarem suas técnicas” (ROLAND, 2014, p.107).

Baseados nesta crença, os terroristas suicidas antes de praticarem seu ato de martírio realizam um ritual onde gravam vídeos de despedida a família e a comunidade exaltando seus atos em prol da religião e da própria comunidade em que vivem.

Em 1980, o psiquiatra, Jerrold Post propôs outra hipótese correlata ao narcisismo asseverando que o terrorismo é uma psicopatologia ou defeito de personalidade baseado em questões edípicas, resultado de famílias disfuncionais onde, provavelmente, sofreram abusos físicos e psicológicos acarretando em outros traumas.

Neste sentido, houve um deslocamento da raiva e da hostilidade para a autoridade dos pais ou do Estado. O autor afirma que “para alguns, tornar-se terrorista é um ato de retaliação por danos reais e imaginários contra seus pais; para outros, é um ato de retaliação contra sociedade pelo dano ou injustiças causado a seus pais”. (POST, 1984, p. 248).

Enfatizando a importância do tratamento parental, fatos históricos comprovam a situação em que crianças, ainda bebês, eram afastadas do convívio familiar, como o que ocorreu na Alemanha Nazista. O livro *The German Mother* de 1937, traduzido como *A mãe alemã*, da médica nazista, Johanna Saarer, trazia orientações para que as mães alemãs ignorassem as necessidades básicas de seus bebês, deixando-os chorar e evitando ao máximo o contato físico e visual. O objetivo era, fundamentalmente, condicionar estas crianças que, a partir da adolescência, se integravam a Juventude Hitlerista, transformadas em bons soldados das SS, cumprindo ordens sem exceção e objeção.

Outro exemplo ilustrativo desta condição ocorre em determinadas comunidades tribais da região da África Subsariana, onde crianças são sequestradas por grupos terroristas como a Al Qaeda, Estado Islâmico e outros grupos filiados para serem utilizadas como terroristas mirins, recebendo um condicionamento psicológico voltado para a agressividade sem nenhum filtro ou intervenção.

Nestes casos, em especial, há deficiência na barreira do recalamento prevalecendo comportamentos baseados nos impulsos primitivos do ID. O mesmo acontece em zonas do Oriente Médio onde a fase da infância praticamente inexistente, corroborando com os estudos de Philippe Airès de que “até o século XVII a infância era apenas um mito romantizado e criado pela sociedade” (AIRÈS, 1981). O referido autor sugere que as crianças eram criadas como



semi-adultos, a exemplo das crianças do nazismo, sem qualquer afeto parental.

Ademais, vale destacar, que as poucas escolas existentes em áreas tribais rurais do Afeganistão, Paquistão, Iraque e Síria, são exclusivamente de cunho religioso e fornecem unicamente o apreendido básico de leitura para que as crianças possam recitar os textos sagrados. Este é um fator potencializador que possibilita o início do processo de radicalização uma vez que o isolamento, a relação entre indivíduos da mesma crença e do mesmo grupo e com os mesmos valores somado a admiração pelos líderes carismáticos facilitam o condicionamento psicológico e a manipulação.

Sendo assim, conceitos distorcidos, traumas reprimidos e angústias fomentam fantasias narcísicas de poder, domínio e liberdade da mesma forma que impulsos agressivos como o ódio e desejos de vingança contra os alegados responsáveis pelo *status quo* em que vivem e que impediram ou ainda impedem seu bem-estar social e o desenvolvimento e valorização de sua cultura e valores.

Pesquisadores como Osório, Piltcher e Martini (2013), contribuem nesta mesma linha ao afirmarem que a convivência em comunidades com estas características, podem criar fortes sentimentos de pertencimento e de identidade grupal, questões centrais em determinar como o mundo será percebido” (OSÓRIO, PILTCHER e MARTINI, 2013, p.195).

No caso em questão, tais fantasias podem ser consideradas um refúgio temporário onde emergem um cardápio de insatisfações reprimidas, projetando em terceiros e em outros objetos e símbolos, tudo aquilo que nunca conheceram e experimentaram mas que odeiam com intensidade. Exemplos dessa realidade foram observados quando da destruição de estátuas, monumentos e sítios históricos milenares de povos antigos no Afeganistão, Iraque e Síria praticado por integrantes dos grupos Talibã e Estado Islâmico.

## O DESEQUILÍBRIO DAS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS

Se considerarmos a hipótese de que parcela significativa de pessoas que abraçam o

terrorismo vivenciaram experiências traumáticas na infância, é possível argumentar também que as consequências destes traumas possam ter desencadeado um desequilíbrio entre as instâncias psíquicas.

Ao investigarmos tal hipótese, o estudo comportamental nos traz alguns insights acerca das instâncias da segunda tópica ou modelo estrutural elaborado por Freud, especificamente, ID, EGO E SUPEREGO.

Resumidamente, podemos afirmar que o ID é a instância mais profunda e inconsciente da personalidade responsável pelas pulsões primitivas de sexualidade e agressividade. O EGO se traduz na instância mediadora entre estes impulsos primitivos do inconsciente e a realidade externa. Já o SUPEREGO, exerce uma função de equilíbrio crítico aos impulsos primitivos, buscando internalizar na instância mediador EGO condutas socialmente aceitáveis de respeito à ética, valores e a cultura da sociedade em que o sujeito está inserido. (FREUD, 1974 [1923-1925])

Nestas instâncias, em desequilíbrio, segundo Eizirik, ocorre o conflito psíquico que “decorre essencialmente da luta entre as poderosas forças inconscientes que buscam expressão e as forças opostas que impedem seu surgimento” (EIZIRIK et al, 2013, p.23). Sintomas desta luta se manifestam inicialmente pela ansiedade, estresse, angústia e estados depressivos que ao longo do tempo, contribuirão decisivamente na personalidade adulta.

No caso em estudo, o instinto agressivo é manifestado patologicamente nos métodos de extrema violência como os ataques com artefatos explosivos em zonas urbanas densamente povoadas, a tortura, a prática do apedrejamento e a decapitação de pessoas. Em relação a pulsão da sexualidade, resultante da libido, tais ações podem indicar a existência de transtornos sexuais conhecidos como parafilias, notadamente, o sadismo, manifestado na excitação com a dor e o sofrimento alheio. Se as decapitações públicas ou a tortura levaram seus perpetradores a excitação sexual não sabemos ao certo mas é alta a probabilidade de que tal sensação tenha ocorrido como forma de descarregar pulsões acumuladas e, por este motivo, se tornou uma prática frequente.

A naturalidade com que são praticadas pode ser resultado da banalização da violência tornando seus perpetradores imunes ao sentimento de culpa, como apreguou Hannah Arendt em sua teoria da Banalização do Mal.

Interessante destacar, que apesar da disciplina rígida no tratamento com as mulheres como o uso de burcas, que escondem todas as partes do corpo feminino, seu isolamento dos homens e um tratamento diferenciado com um repertório de proibições, na tentativa de evitar as pulsões da sexualidade, estas permanecem latentes com a crença e o desejo de terem à disposição 70 virgens no paraíso como recompensa por seu martírio.

Se pode constatar que as energias destrutivas do ID podem ser habilmente manipuladas a objetivos predeterminados. É aterrador o fato de que quanto mais primitivos são os instintos mais violentos são os comportamentos, atitudes e ações em um EGO adoentado. Os constantes massacres indiscriminados de populações desprotegidas, notadamente, no continente africano, ilustram esta realidade uma vez que, segundo a ONU, “48% das mortes somente na região da África Subsaariana são atribuídas as ações terroristas” (ONU News, 2022).

Outros sintomas podem ser explorados neste contexto. Um destes se manifesta pela dificuldade em vivenciar a realidade externa, o que sugere a hipótese de um mal funcionamento dos mecanismos de defesa do Ego contra as pulsões de agressividade e da sexualidade. A grosso modo, como sugere Souza Filho, “o Ego foi derrotado pelo Id e afastado da realidade criando uma realidade paralela” (SOUZA FILHO, 2017).

Em outras palavras, não está cumprindo sua função mediadora entre os desejos primitivos e as regras éticas e morais impostas pelo Superego, conforme a cultura, hábitos e valores do grupo. Isto pode ser atribuído, em grande medida, ao fato de que tais regras, no caso em questão, estarem em sintonia com os impulsos primitivos de violência e agressividade, considerados comportamentos adequados pelo grupo social a que pertencem.

O isolamento social, desde a infância, com a exclusão da possibilidade de contato com culturas e valores externos aos grupos a que pertencem, contribui para este estado de desequilíbrio emocional e para a construção de um modelo

de subjetivação diferente do ocidental. Em consequência, não há outros padrões e normas éticas e morais conhecidas que possam ser comparadas conscientemente além das que foram internalizadas pelo condicionamento e pela manipulação.

Este contexto leva a outros elementos relevantes como uma experiência emocional deficiente que poderá acarretar insensibilidade como a falta da culpa, empatia e do remorso pelos atos praticados.

Douglas Pryer ilustra a afirmação acima quando afirma que:

A ética parte da noção de que os seres humanos têm algo de essencial em comum e, com base nisso, são tiradas conclusões sobre como os seres humanos devem tratar outros seres humanos. Contudo, caso falte essa noção central (caso seu ódio ou medo em relação ao inimigo, ao outro, seja tamanho a ponto de ele não mais parecer plenamente humano a seus olhos), a ética da reciprocidade deixa de se aplicar, e as pessoas se sentem livres para tratar esse outro da forma que quiserem ou lhe ordenar. (PRYER, 2013, p.10)

De Paola, apresenta argumento semelhante quando se refere a ética da guerra assimétrica que podemos associar com os conflitos entre Israel e grupos como Hamas, Hezbollah em que há a presença de ações terroristas, consideradas por significativa parcela dos extremistas como um segmento da Jihad.

A este respeito o autor manifesta que:

É aquela em que um dos lados atribui a si, consciente ou inconscientemente, a totalidade dos valores éticos na qual suas ações são embasadas. Pode ser a ética de construir um mundo novo, de eliminar desigualdades, ou de reconquistar territórios que lhe pertencem ou a qualquer outra coisa. Isso lhe permite lutar em plena potência, sem respeitar nenhuma lei, a não ser a da força justificada pela própria ética que a move. (DE PAOLA, 2009, p.49)

Este status paradoxal é a razão para terroristas, em geral, não apresentarem sentimentos de culpa ou arrependimento por suas ações que redundaram em mortes e ferimentos em pessoas

que nunca conheceram e, cujos países, os acolheram em suas sociedades.

Contudo, é preciso ressaltar, que a existência de patologias no perfil mental de terroristas não é consenso e existem correntes psicanalíticas contrárias a esta hipótese. Além do aspecto da vitimização alguns estudiosos do tema consideram que muitos terroristas possam basear suas ações em valores éticos e culturais dos grupos a que pertencem, sem que haja, necessariamente, a presença de patologias.

Erich faz parte de uma destas correntes quando assevera que “a tentativa de pintar o terrorista como pessoa demente, emocionalmente carente, empobrecida e mentalmente doente está equivocada e basicamente errada”(ERLICH, 2008, p.141).

Para o autor, nem sempre existem relações objetais traumatogênicas que os impulsionem a prática da violência e do martírio. Complementa o raciocínio afirmando que:

(...) o que há, nestes indivíduos, é um senso de pureza do self, em que ele se torna maior, venerado e sustentado não apenas pelo ego-ideal, mas também por sua família e por sua comunidade, uma tentativa desesperada de preservá-lo, protegê-lo das impurezas contagiosas atribuídas ao outro (ERLICH, 2008, p.145).

Com efeito, dentro desta perspectiva, é possível uma dupla interpretação na ideia de que este contexto seja um dos motivos que os levem a buscar experiências apocalípticas e manifestarem um senso narcisístico de superioridade em relação aos outros.

Outro dos teóricos desta mesma corrente é Hoffman que exclui a hipótese do desequilíbrio psíquico:

Ao invés de fanáticos com olhos arregalados ou assassinos enlouquecidos que estamos condicionados a esperar, muitos (terroristas) são, na verdade, indivíduos pensantes e altamente articulados para quem o terrorismo é (ou era) uma escolha inteiramente racional, frequentemente adotada com relutância e, ainda assim, só depois de considerável reflexão e debate. (HOFFMAN, 1998, p.7)

Concordo em parte com as afirmações de Hoffman e atribuo a possibilidade desta condição a terroristas escolhidos para a prática de atentados mais elaborados como em 11 de setembro de 2001 nos EUA, onde foi necessário além de planejamento, o uso de diferentes técnicas e habilidades.

Todavia, na maioria dos casos em que há apenas um ato intencional simples de uso da violência que não requerem determinação e autocontrole como nos casos de terroristas suicidas, esfaqueamentos em série de pessoas nas ruas e a utilização de veículos para atropelamento em massa de grupos de pessoas, defendo a hipótese do desequilíbrio das instâncias psíquicas, assim como nos chamados lobos solitários que praticam atos terroristas para aumentar sua autoestima uma vez que parcelas significativas destes nunca tiveram contato com grupos, com seus integrantes e lideranças, apenas assistem aos noticiários e propagandas na Deep Web.

## A POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA

A grande questão a ser resolvida acerca de terroristas radicalizados, na hipótese de apresentarem sintomas patológicos, recai no seguinte questionamento: É possível uma resposta terapêutica positiva entre analisado e analisando? Antes de responder a esta pergunta e a título de contextualização é preciso dizer que se há tentativas neste sentido não se tem notícias e consequentemente os resultados são mantidos como assunto confidencial relacionado a segurança nacional.

Embora um desafio, a resposta é positiva. Seria possível por meio do reconhecimento de características fenotípicas e até biológicas, realizar intervenções preventivas, de caráter seletivo.

Salman Akhtar que escreve sobre desumanização origens manifestações e soluções para o fenômeno terrorista apresenta três objetivos desta intervenção baseadas em três pilares: “aumentar a capacidade de pensar do povo oprimido, diminuir sua raiva e criar e aumentar sua empatia em relação a seus opressores” (AKHTAR, 2008, p.135)

Tais objetivos seriam alcançados por via medicamentosa e terapia psicanalítica. Contudo, no primeiro caso, a ingestão de fármacos que poderiam trazer efeitos biológicos positivos, minimizando sofrimentos psíquicos sofre uma forte proibição das lideranças religiosas. Na visão destas, a medicação é um componente diabólico que levará aquele que se submeter a elas ao inferno, situação que naturalmente acarreta insegurança e medo. Na verdade, por traz desta demonização dos medicamentos há o temor de que tornariam o indivíduo medicado menos susceptível a radicalização e sem a agressividade necessária para perpetuar atentados.

Quanto a terapia psicanalítica que, por seu turno, poderia resultar em melhoria substancial dos quadros de depressão, psicoses e transtornos de conduta e, conseqüentemente, maior compreensão de parte do analisado da realidade externa, da incoerência no cometimento de ações violentas contra terceiros e, possivelmente, levar a percepção acerca do nível de manipulação a que foi submetido, também, por óbvio, sofre impedimento das lideranças religiosas que, nestes casos, perderiam o poder de influencia sobre o indivíduo.

Além disso, outro dos obstáculos da terapia recai na dinâmica do vínculo e a possibilidade da livre associação, uma condição essencial do tripé analisando-analisado. Isso, motivado pela tradicional relação conflituosa entre muçulmanos extremistas e ocidentais ou mesmo os pertencentes a mesma religião mas de uma corrente diferente, percebidos como inimigos e demonizados pela ideogilização religiosa radical.

Daí recai a motivação do silêncio absoluto dos analisados presos em Guantánamo, como mecanismo de defesa ou resistência a qualquer tipo de interação. Outra dificuldade a ser compreendida pelos profissionais de saúde mental é acerca da consciência do analisado de que o segredo acerca do que será revelado pode ser compartilhado com as autoridades pela própria natureza criminosa de suas ações que envolvem alto risco a outras pessoas e sociedades. A revelação de suas atividades e a incerteza se apontou lideranças, nomes de integrantes do grupo ou ações futuras transforma o analisado em um traidor da guerra santa, punido com a morte e degradação da família.

Neste contexto, pode não haver condições para um processo de elaboração. Se um tratamento completo, a duração é estimada em cerca de cinco anos, no caso em questão, se possível de acontecer, a duração é indeterminada, tampouco sabemos se surtirá os efeitos desejados.

Inobstante o fator biológico de psicopatias, a hipótese de desequilíbrio entre as instâncias psíquicas não pode ser descartada. Durante os interrogatórios por equipes multidisciplinares não foi possível detectar a existência de um sentimento consciente ou inconsciente de culpa pelas mortes de inocentes causadas em atentados terroristas. Isso pode ser explicado pelo fato de que a consciência moral dos terroristas está relacionada a um dever religioso.

Em relação ao EGO, a resistência que deriva do ganho resultante da doença se apresenta de forma inversa ao que encontramos nos tradicionais tratamentos psicanalíticos. Em contraste com analisados fora desta amostra, no terrorista, os ganhos resultantes dos impulsos agressivos são apreciados pelas lideranças e pelo grupo a que pertencem, e por este motivo, buscados mais obsessivamente. Como já referimos, tais ganhos se apresentam em forma de vantagens como maior aceitação da comunidade em que vivem, status familiar além da satisfação de estarem cumprindo uma missão divina.

Desta forma, a dificuldade não recai no fato do analisado aceitar a situação de um suposto transtorno emocional mas no paradigma de buscar obsessivamente e conscientemente o comportamento agressivo e violento com intensidade de propósitos.

Fazê-los abandonar suas resistências e medos na busca pela livre associação tem sido obstáculos difíceis de serem contornados, sem os quais, o tratamento psicanalítico não é possível. Como vimos, o fenômeno é complexo e enquanto houver manipulação ideológica e, notadamente, o desejo das lideranças de que estas pessoas permaneçam neste *satus quo*, qualquer intervenção é um desafio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos e discussões empreendidas neste breve artigo e dos quase

trinta anos de discussões direcionadas a formatar uma psicologia que se aproxime da mente terrorista, podemos afirmar que existem mais questionamentos do que respostas.

Vimos que uma parcela dos pesquisadores excluem a existência de patologias, contudo, podemos fortalecer a hipótese inicial formulada no sentido da possibilidade da presença de traumas psíquicos desenvolvidos na infância, em parcela significativa dos terroristas e outros com motivação ideológica e política, a exemplo de Timohty Mc Veigh e Ted Kaczynski, fruto da observação comportamental na perpetuação dos atos e de entrevistas realizadas com profissionais da saúde mental nas prisões sobre o histórico de ambos.

Porém, a conjuntura exposta é algo deliberado ou fruto do ambiente social e cultural? Não está claro também se a privação destas crianças aos cuidados básicos da infância ou a falta de objetos de apego seja um ato deliberado para formar bons terroristas ou fruto de uma conjuntura social imposta pela pobreza, injustiças e violência física a que foram expostos ou pelos valores dos grupos a que pertencem.

Pela perspectiva dos ensinamentos freudianos, tais traumas podem ser consequência direta de questões não resolvidas ao longo das fases de desenvolvimento na infância, quer por uma parentalidade colapsada ou pelo ambiente em que tais crianças e adolescentes se desenvolveram até a idade adulta, de insegurança permanente e emoções reprimidas, embora seja uma condição não consensual entre as algumas correntes da psicologia.

O argumento principal das correntes contrárias é de que cenário similar é encontrado em muitas comunidades periféricas dos grandes centros urbanos no Brasil e na América Latina e

a maioria destas populações não desenvolvem a agressividade e a violência como comportamento recorrente.

Todavia, é necessário destacar que nestes ambientes não está presente a constante e forte manipulação psicológica e ideologização religiosa radical na procura por inimigos. Ademais, a religião não se traduz em um Estado ou código de leis e existe apoio de políticas públicas, instituições privadas e Organizações não governamentais (ONGs) em diferentes campos, em maior ou menor intensidade, no sentido de promover a saúde mental das populações. A inexistência destes mecanismos traz vulnerabilidades e riscos a propaganda terrorista e parece ser a principal receita para tais comportamentos e atitudes, fomentados por lideranças carismáticas.

Como vimos, a questão é complexa e enquanto os estudos existentes a este respeito forem incipientes para uma avaliação mais precisa, estaremos caminhando no campo das hipóteses, o que não deixa de ser desafiador.

Contudo, face à tendência de crescimento dos atentados terroristas em âmbito internacional, mesmo os de baixa intensidade, a tentativa de entender a mente destas pessoas além de salvar vidas inocentes, é um importante passo na busca por novas técnicas clínicas mais efetivas de prevenção aos distúrbios emocionais da amostra analisada, fator primordial para reduzir a violência desumanizadora do terrorismo internacional.

Trata-se de uma conjuntura complexa e que somente a existência de normas jurídicas e a aplicação de sanções severas não têm conseguido reduzir o ímpeto dos terroristas, tampouco minimizar seus impactos na sociedade internacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASAD, T. (2008) Sobre el terrorismo Suicida. Barcelona. Tradução Emili Olcina Aya. Barcelona: Laertes, S.A Editores.
- AIRÈS, P. (1981) História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos editores.

- AWAD, G.A. (2008) As mentes e as percepções dos outros. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varvin e Vamik D. Volkan (Org). Tradução Tânia Maria Zalberg, São Paulo: Perspectiva.
- AKHTAR, S. (2008). Desumanização: origens, manifestações e soluções. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varvin e Vamik D. Volkan (Org). Tradução Tânia Maria Zalberg, São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_, (1999). The Psychodynamic Dimension of Terrorism. *Psychiatric Annals*, 29(6), 350-355.
- BOHLEBER, W. (2008). Fantasmas coletivos, destrutividade e terrorismo. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varvin e Vamik D. Volkan (Org). Tradução Tânia Maria Zalberg, São Paulo: Perspectiva.
- BBC News. (2001) Inside Mc Veighs mind. Acessível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/1382540.stm>. Acesso em: 15.05.2024.
- BORUM, R. (2004). *Psychology of terrorism*. Tampa: University of South Florida.
- CRAYTON, J.W (1983). *Terrorism and Psychology of the Self*. L.Z. Freedman & Y.
- DE PAOLA, H. (2009) Israel e a guerra assimétrica. *Revista A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, ano CCV, nº 814. Biblioteca do Exército.
- EIZIRIK, C. et al. (2013). Noções básicas sobre o funcionamento psíquico. In: *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. EIZIRIK, Cláudio e BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (Org). 2ª edição, Porto Alegre: Artmed.
- ERLICH, H. S. (2008). Reflexões sobre a mente terrorista. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varvin e Vamik D. Volkan (Org). Tradução Tânia Maria Zalberg, São Paulo: Perspectiva.
- FOUNDATION POUR L'INNOVATION POLITIQUE. *Fundapol.org. Islamist Terrorist Attacks in the World 1979 a 2019*. Acessível em: <https://www.fondapol.org/en/study/islamist-terrorist-attacks-in-the-world-1979-2019/>. Acesso em: 23.05.2024
- FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 24 vol. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923/1925), vol. XIX.
- \_\_\_\_\_, Esboços da "Comunicação Preliminar" de 1893 (1940-1941 [1892])
- \_\_\_\_\_, Estudos sobre a Histeria (Breuer e Freud) (1893-1895), vol. II
- GOLOMB, A. (2008). Terror na infância. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varnin e Vamik D. Volkan (Org.). Tradução Tânia Mara Zalberg. São Paulo: Perspectiva.
- GLOBAL TERRORISMO INDEX 2020/ Briefing. Institute for Economics & Peace. Acessível em: <https://www.visionofhumanity.org/maps/global-terrorism-index/#/>. Acesso em: 11.05.2024.
- HORGAN, J. (2006). *Psicología del Terrorismo: comoy por qué alguien se convierte en terrorista*. Tradução Joan Trujiillo Parra. Barcelona: Editora Gedisa, S.A.
- HOFFMAN B. (1976). *Inside terrorism*. London/New York: Victor Gollancz, Columbia University Press.
- ONU News (2022). África Subsaariana tem 48% das mortes atribuídas a grupos terroristas no mundo. Acessível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/06/1791732>. Acesso em: 17.05.2024
- OSÓRIO, C. M.; PILTCHER, R.; MARTINI, T. (2013). Adultos jovens e seus scripts: novas gerações e novos cenários. In: *O ciclo da vida humana: uma perspectiva*

- psicodinâmica. EIZIRIK, Cláudio e BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (Org) 2ª edição, Porto Alegre: Artmed.
- POLANCZYK, G.V: ROHDE, L. A. (2013). Psiquiatria do desenvolvimento. In: O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica. EIZIRIK, Cláudio e BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (Org). 2ª edição, Porto Alegre: Artmed.
  - POST, J.M. (1984). Notes on a psychodynamic theory of terrorist behaviour. *Terrorism*, 7, 241-256.
  - PRYER, D. (2013) A ascensão das máquinas: Porque armas cada vez mais perfeitas ajudam a perpetuar nossas guerras e colocam a nação em perigo. *Revista Military Review*, Centro de Armas combinadas, Forte Leavenworth, Kansas, jul/ago.
  - RAINE, A. (1997). Antisocial behavior and psychophysiology: A biosocial perspective and a prefrontal dysfunction hypothesis. (pp. 289-304). In D. Stoff, J. Breiling, & J. ROLAND, P. (2014). Por dentro das mentes assassinas: a história dos perfis de criminosos. Tradução Antonio Fiel Cabral. São Paulo: Madras.
  - SOUZA FILHO, D.B. Neurose e Psicose: conceito e diferenciação (Online). Acessível em: <http://psicopsi.com/pt/psicose-e-neurose>. Acesso em: 26.05.2024.
  - UCHÔA, D.M. (1968) Psiquiatria e psicanálise. São Paulo: Sarvier.
  - VARVIN, S. (2008). Terrorismo e vitimização: dinâmicas individual e de grandes grupos. In: *Violência ou Diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo*. Sverre Varvin e Vamik D. Volkan (Org). Tradução Tânia Maria Zalberg, São Paulo: Perspectiva.
  - KLEIN, M.: PAULA H.: ISAACS S.: RIVIERE, J. (1952) Os progressos da Psicanálise. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro> Zahar Editores.